

# Notas e Resenhas

## TEMÁTICAS EM GEOGRAFIA HUMANA

**GEOGRAFIA, Rio Claro, 22(2): 137-151, outubro 1997**

O conjunto de obras referenciadas nesta oportunidade engloba contribuições versando a respeito de diversas temáticas em Geografia Humana. Inicia com dois trabalhos focalizando a análise do *lugar*, como território do cotidiano e uma sobre as relações entre mulher, população e crise global. Seis contribuições estão relacionadas com questões ligadas à Geografia Urbana, enquanto uma versa sobre os problemas das fronteiras na América Latina. Os aspectos envolvidos com o processo de globalização e com as políticas de desenvolvimento sustentável correspondem aos temas desenvolvidos em outras quatro obras. A exposição de trajetórias geográficas e a focalização abrangente sobre as relações entre a humanidade e o meio ambiente, como sendo uma ecologia cultural, fecham o quadro deste registro bibliográfico.

### **001. O lugar no/do mundo.**

**Ana Fani Alessandri Carlos**  
***Hucitec, São Paulo, 1996, 150 p.***  
**ISBN 85-271-0368-0**

O desenvolvimento temático elaborado por Ana Fani Alessandri Carlos focaliza o problema da caracterização do lugar, em torno de sua expressividade e palco para a vida, sociabilidade e comportamento dos indivíduos. Isto porque, “o lugar guarda em si o seu significado e as dimensões do movimento da história em constituição enquanto movimento da vida, possível de ser apreendido pela memória, através dos sentidos e do corpo. O lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular. Deste modo, o lugar se apresentaria como ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local enquanto especificidade concreta, enquanto momento” (p. 15-16). Para Ana Fani, iniciando com a definição proposta por Milton Santos, considerando que o lugar poderia ser definido “a partir da densidade técnica (que tipo de técnica está presente na configuração atual do território), a densidade informacional (que chega ao lugar tecnicamente estabelecido) a idéia de densidade comunicacional (as pessoas interagindo) e, também, em função de uma densidade normativa (o papel das normas em cada lugar como definitório). A esta definição seria preciso acrescentar a dimensão do tempo em cada lugar que poderia ser visto através do evento no presente e no passado” (p. 19-20), mais explicitamente observa que “o lugar é o produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida” (p. 29).

Os aspectos apresentados são relevantes para o contexto da comunidade social, mas não chegam a expressar a relevância do lugar como entidade geográfica, como sendo a menor célula de organização espacial. A autora direciona-se para a busca da análise do cotidiano, das interações sociais e de vizinhança, pois são os lugares “que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito ao seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, passeia, flana, isto é, pelas

formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso. Trata-se de um espaço palpável - a extensão exterior, o que é exterior a nós, no meio do qual nos deslocamos” (p. 21-22), a contribuição surge como significativa para a compreensão da dinâmica social na escala dos indivíduos. Todavia, para a perspectiva geográfica, o importante é o contexto da comunidade em sua organização espacial se ajustando às peculiaridades do meio ambiente. Nada há abordando as relações com o uso dos recursos ambientais nem com a percepção ligada ao sítio urbano.

Reunindo um conjunto de trabalhos elaborados no transcurso de 1994 a 1996, com atualizações e de inserções originais, os capítulos procuram definir o lugar e analisam a função do lugar na “era das redes”, a guerra dos lugares, a natureza do espaço fragmentado, a questão dos guetos urbanos, como lugares nas metrópoles, a espacialidade, o cotidiano e o poder nas ruas, a produção do não-lugar e a construção de uma nova urbanidade. A contribuição ganharia outro grau de relevância se, em vez de utilizar e atualizar trabalhos anteriores, se transformasse numa obra de ensaio sistematizado a respeito da temática do lugar.

#### **002. Territórios do cotidiano.**

**Zilá Mesquita & Carlos Rodrigues Brandão (org.)**

**Editoras da UFRGS e da UNISC, Porto Alegre, 1995, 206 p.**

**ISBN 85-7025-367-2**

A coletânea organizada por Zilá Mesquita e Carlos Rodrigues Brandão reúne quinze contribuições em torno da temática *territórios do cotidiano*, como sendo uma introdução a novos olhares e experiências. São contribuições elaboradas por pesquisadores sediados em diversas instituições, expressando considerações teóricas ou relatando experiências em torno dessa temática. Juntamente com a obra de Ana Fani Alessandri Carlos, enriquece a bibliografia brasileira nessa caminhada para se compreender a vida do cotidiano das pessoas em seus ambientes de vivência.

A primeira parte abrange os trabalhos relacionados com as perspectivas teóricas relacionadas com o cotidiano e território, considerando o ponto de vista pós marxismo e o espaço do cotidiano (A. C. da Silva), o cotidiano como objeto teórico (S. R. F. Petersen), introdução a uma abordagem teórica contemporânea sobre os territórios do cotidiano (J. A. S. Barcellos), a temática da vida cotidiana como um dos dilemas e desafios da historiografia brasileira (S. R. F. Petersen), pontos de partida para a reflexão sobre o território do cotidiano (R. B. Cara), do território a consciência territorial (Z. Mesquita), os imaginários urbanos na América Latina (A. Silva) e as escalas do território e sua articulação (A. Dorfman).

A segunda parte envolve-se com as experiências de pesquisa no tocante ao território e cotidiano, abrangendo as contribuições versando sobre a irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil (A. L. C. da Rocha), apontamentos para uma investigação a propósito das praças de Buenos Aires (C. E. Natenzon), o vento na cotidianidade da Sierra Norte de Puebla, no México (L. F. Aguilar e C. S. Mora), quantos são os territórios do sertão à cidade ? (C. R. Brandão, uma leitura antropológica do espaço em *Vidas Secas* (A. M. de Niemeyer) e sobre o cotidiano visto através da TV (G. A. Alves).

#### **003. Women, Population and Global Crisis.**

**Asoka Bandarage**

**Zed Books, Londres, 1997, 397 p.**

**ISBN 1 85649 427 6, hard; 1 85649 428 4, paperback.**

Asoka Bandarage é reconhecida pelas suas contribuições nos setores dos estudos da função da mulher, em relação com a população, ecologia, política internacional e economia. No volume sobre *Women, Population and Global Crisis* realiza crítica contundente a respeito do saber comum sobre a população, revelando que os dados disponíveis indicam que a população mundial está se estabilizando mais rapidamente do que o previsto e assevera que a nossa visão do dilema populacional encontra-se incorreto.

Rejeitando a análise restrita adotada pelo neo-malthusianismo para justificar seus próprios objetivos da estabilização populacional, A. Bandarage desenvolve uma análise dialética na qual as vidas das mulheres estão colocadas em face às relações de raça e dinâmica de classe na evolução do capitalismo global, do patriarcado e da supremacia branca. Demonstrando os interesses divergentes e sempre conflituais entre as mulheres, a análise procura ultrapassar os aspectos do quadro comum da mulher como uma categoria homogênea e do feminismo liberal como uma resposta suficiente para a subordinação da mulher. Focalizando a feminilização da pobreza como questão central interligando a mulher, população e crise global, a Autora salienta o aspecto do empobrecimento econômico da mulher como sendo a chave para restabelecer o equilíbrio no tocante à subordinação da mulher e a respeito do dilema populacional e da crise global.

A primeira parte focaliza o malthusianismo e a sua ressurgência, apresentando panorama sobre a análise malthusiana das crises globais sobre o ambiente, pobreza, insegurança e subordinação da mulher e considerando as estratégias do planejamento moderno da família e sua harmonia com os benefícios da mulher e direitos humanos.

A segunda parte constitui o foco central da obra, oferecendo uma perspectiva alternativa histórica e sociológica sobre a população e crise mundial. Inicia tratando do crescimento populacional no contexto da evolução do capitalismo industrial e imperialismo ocidental. Posteriormente examina as relações entre a fertilidade alta com as classes sociais e relações de gênero, salientando mormente a questão da pobreza da mulher. O capítulo quinto considera a ampliação das desigualdades econômicas e o aprofundamento da pobreza ligados com as dívidas dos países do Terceiro Mundo, políticas estruturais e gastos com o militarismo, enquanto no capítulo seguinte encontram-se abordados os aspectos ligados com a destruição ambiental em face da expansão econômica e tecnológica e padrões desiguais de consumo. O último capítulo versa os conflitos globais e a insegurança, em face ao militarismo global e forças de repressão e de resistência.

A terceira e última parte analisa a necessidade para uma mudança de paradigma, da dominação para a parceria, considerando as estratégias para o desenvolvimento democrático e soluções sustentáveis para a crise global e subordinação da mulher.

#### **004. *Introducing Town Planning.***

***Clara Greed***

***Addison Wesley Longman Ltd, 1996, 297 p.***

***ISBN 0-582-29300-6, 2a. edição.***

A finalidade almejada por Clara Greed é oferecer uma introdução relativamente simples ao planejamento urbano e regional, em vez de apresentar análise polêmica ou acadêmica sobre o assunto. Com esse objetivo, constitui obra didática endereçada aos estudantes de graduação nas várias disciplinas que tratam de questões ligadas com as áreas urbanizadas. A ordenação tópica e a estruturação são adequadas, em texto redigido com clareza e convenientemente enriquecido com exemplos e estudos de casos. Embora focalize questões geralmente tratadas nos manuais sobre planejamento urbano, ganha realce a abordagem versando sobre a função do gênero nas atividades urbanas.

A primeira parte trata da estrutura do planejamento e desenvolvimento, versando sobre a natureza do planejamento urbano, a organização do planejamento e o processo de desenvolvi-

mento e a respeito das profissões peculiares e a função dos planejadores. A segunda parte analisa a evolução do planejamento urbano moderno, considerando os temas ligados com a urbanização e revolução industrial, as reações reformas, a expansão da intervenção estatal na primeira metade do século XX e o desenvolvimento das reações e repensar no planejamento urbano no decorrer da segunda metade do século XX.

As duas últimas partes referenciam-se a aspectos práticos. A terceira trata dos aspectos visuais e do *design* no planejamento, abordando as questões pertinentes ao desenvolvimento histórico do planejamento urbano, a conservação urbana e rural e os aspectos de desenvolvimento e controle. A última parte focaliza os aspectos sociais do planejamento, tratando das perspectivas sociais urbanas no planejamento e sobre perspectivas alternativas e questões não resolvidas.

Dois apêndices, servindo de guia e orientando os estudantes sobre tarefas ligadas a cada capítulo e mostrando os estilos arquiteturais vernaculares tradicionais, a bibliografia e os índices encerram o volume.

**005. *Produção do espaço e uso do solo urbano em Belém.***

***Saint-Clair Cordeiro da Trindade Jr.***

***Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Belém, 1997, 180 p.***

***ISBN 85-247-0157-9.***

O livro constitui uma versão revista da dissertação de mestrado defendida no Curso de Planejamento do Desenvolvimento, do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará, em março de 1993, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Lobato Corrêa.

A publicação das boas e referenciadas teses e dissertações defendidas nos Cursos de Pós-Graduação em Geografia tornara-se marca sensível nas atividades editoriais do Instituto de Geografia, da Universidade de São Paulo, na série *Monografias*. Essa é um setor que deve ser absorvido e ampliado pelas Editoras universitárias, pois, embora hajam portas abertas e sensibilidade, as editoras de empresas particulares pouco a ele se dedicam.

Focalizando a expansão da área urbanizada e os aspectos de uso do solo urbano em Belém, Saint-Clair Cordeiro da Trindade Jr. inicialmente analisa a mudança e a permanência do uso do solo na cidade capitalista. Posteriormente, dois capítulos são dedicados às Baixadas de Belém na divisão econômica e social do espaço da cidade e à área dos canais da Doca de Souza Franco e Reduto, mostrando a sua caracterização e inserção no contexto urbano da capital paraense. Os três últimos capítulos focalizam questões ligadas à sobrevivência, desaparecimento e criação de formas espaciais urbanas, descrevendo as formas urbanas herdadas do passado, as formas espaciais desaparecidas e as formas espaciais recentes.

Um trabalho sério, metuculoso, digno dos elogios e da aprovação que recebeu, assim como do Prêmio NAEA Dissertação de Mestrado atribuído em 1995, classificando-se em segundo lugar.

**006. *Brasília: moradia e exclusão.***

***Aldo Paviani (org.)***

***Editora Univ. de Brasília, Brasília, 1996, 249 p.***

Aldo Paviani, Professor no Departamento de Geografia da Universidade de Brasília, de há muito vem se destacando pelas suas contribuições analisando a problemática urbana de Brasília.

Na apresentação Aldo Paviani distingue três componentes no processo de urbanização. Como ela é um processo em que se materializam interações de variada gama, as cidades de uma

região são afetadas por modificações que implicam a formação ou mesmo os rearranjos nas redes urbanas. O segundo componente é o crescimento físico, que pode interferir na espacialização das grandes cidades, quando a estrutura, a forma e as funções se alteram por pressão de demandas da sociedade. Um terceiro componente do processo de urbanização é o das mudanças de transformações socioespaciais que vão alterar o processo urbano de produção, de consumo, de distribuição e mesmo de gestão urbano-regional. Na coletânea os ensaios focalizam temas relacionados com o segundo e terceiro componentes, tendo como base teórica uma visão inter e multidisciplinar da urbanização, como processo socioespacial, com aplicações empíricas à cidade de Brasília.

A primeira parte reúne cinco ensaios e trata da história, instituições e espaço urbano. Inicialmente R. Stumpf e Zilda M. Santos analisam o problema da habitação, avaliando o papel do antigo Banco Nacional de Habitação no financiamento de habitações populares e o percurso, acertos e desacertos da política habitacional pós-1964. No segundo capítulo N. H. B. de Souza, M. S. Machado e L. de B. Jaccoud registram e retraçam a história do desenvolvimento de Taguatinga, tendo como eixo da discussão do direito de morar, como uma instância de cidadania das classes populares, enquanto S. B. Zarus resgata a organização socioespacial de um importante segmento do Plano Piloto, a Vila Planalto. Os dois capítulos finais da primeira parte focalizam o itinerário e as questões da comercialização de habitações populares em Brasília (P. C. Doyle), e o caso da apropriação da “fonte Manon”, como exemplo da habitação e urbanização popular, tendo como financiamento os recursos do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (B. Schvasberg).

As quatro contribuições inseridas na segunda parte tratam de aspectos relacionados com a gestão urbana, trabalho e exclusão. No primeiro trabalho P. C. Lima apresenta os conceitos e a base teórica da especulação imobiliária e da contribuição de melhoria, cujos estudos foram mais centrados nos setores do Plano Piloto, Lago Sul e Lago Norte. A temática dos novos rumos para a periferia foi abordado por I. C. B. Ferreira e N. A. Penna, salientando a busca de alternativas de desenvolvimento em escala local que possibilitam refuncionalizar áreas da periferia metropolitana, com base em condições locais. O terceiro ensaio, de A. Paviani, analisa o processo de mudança ou transformação na realidade de Brasília, analisando como o espaço e tempo, imbricados, projetam possibilidades, arranjos e mudanças sob os impulsos de inovações dentro de um cenário globalizado e fragmentado. A última contribuição é de L. A. Gouvêa, que analisa a política habitacional de interesse social, em termos da habitação e emprego, tecendo análise crítica das políticas governamentais na área da habitação.

**007. *Dos cortiços aos condomínios fechados.***

***Luiz Cesar de Queiróz Ribeiro***

***Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1996, 352 p.***

***ISBN 85-200-0425-5.***

Deve-se registrar, com satisfação, que a obra de Luiz Cesar de Queiróz Ribeiro representa exemplo de como as empresas editoriais podem absorver e publicar teses e ensaios providos da academia universitária. A tese de doutoramento foi defendida em 1991, na Universidade de São Paulo, e reformulada vem a lume graças à iniciativa da Editora Civilização Brasileira.

A temática focalizada versa sobre o capital de incorporação imobiliária residencial na cidade do Rio de Janeiro, como expressando formas de produção da moradia. Partindo da forma predominante de moradia popular no Rio de Janeiro no final do século passado, que eram as habitações coletivas (cortiços) produzidas por um capital classificado como rentista, assinala as suas crises e os processos de transformação que levam às moradias ligadas à pequena produção mercantil, definida pela separação da propriedade fundiária em relação ao capital imobiliário. Atenção especial é dedicada ao surgimento do capital de incorporação, a partir da década de 40,

que leva à construção de edifícios e à moradia em apartamentos. Mais recentemente, surgiram condições para a implantação dos condomínios fechados.

Há uma longo desenvolvimento na história e nas formas de produção da moradia, muito bem delineadas e analisadas por Luiz Cesar de Queiróz Ribeiro, constituindo-se um referencial importante na literatura urbana brasileira. Em sua exposição, a primeira parte trata do enquadramento teórico relacionado com o capital, propriedade fundiária e produção da moradia, cujos capítulos tratam da urbanização e da questão fundiária, da renda da terra na produção do espaço construído, da produção capitalista da moradia e das bases para a compreensão das práticas do incorporador, em termos de lucros, renda e espaço. Em conclusão a primeira parte, um capítulo é composta pelas considerações em torno das formas de produção da moradia, considerando a linhagem da propriedade da terra ao capital de incorporação.

A segunda parte consiste na exposição e análise dos resultados obtidos durante o desenrolar da pesquisa, focalizando o capital, propriedade fundiária e produção da moradia no Rio de Janeiro. Os capítulos analisam as transformações do parque imobiliário no período de 1870 a 1930, as questões ligadas na evolução da propriedade fundiária ao capital imobiliário, e do capital imobiliário ao capital de incorporação. Um Capítulo específico tece considerações em torno da consolidação, expansão e diferenciação do capital de incorporação, salientando o desenrolar do processo no período de 1965 a 1989.

**008. *Our Urban Future: New Paradigms for Equity and Sustainability.***

***Akhtar A Badshah***

***Zed Books, Londres, 1997, 220 p.***

***ISBN 1 85649 405 5, hard; 1 85649 406 3, paperback.***

A obra de Akhtar A Badshah constitui tentativa para delinear perspectiva que considera o desenvolvimento implementado com base no delegar poderes às pessoas, de modo que as comunidades possam criar suas próprias identidades e instituições. Essa perspectiva é centrada na comunidade, na conscientização e almeja equidade para todos. Considerando a sua experiência, A. A Badshah observou que as pessoas e as comunidades em todo o mundo lutam contra a perda da cidadania e constantemente desenvolvem novos procedimentos para resolver seus problemas urbanos. No meio das sombras e áreas lúgubres que se observa em muitas cidades, sempre há raios de esperança, geralmente visíveis quando fluem novos promissores

programas de desenvolvimento das comunidades. Subjacente à maioria desses programas encontra-se a convicção de que quantidades maiores de recursos públicos ou privados não fazem diferenças, se não ocorrer a conscientização das pessoas para a melhoria das suas condições de habitabilidade.

A perspectiva também faz severas críticas à abordagem “solucionadora de problemas”, porque omite a potencialidade da criatividade e energia providas das comunidades.

A obra encontra-se dividida em três partes. A primeira realiza a introdução e esquematiza o contexto da temática. No primeiro capítulo descreve-se os desafios principais que surgem às mudanças urbanas e se mostram as tendências que ocorreram no paradigma do desenvolvimento. A autora também expõe as importantes políticas urbanas desenvolvidas nas últimas décadas, combinando o papel das agências governamentais, investimentos do setor privado e envolvimento das comunidades. No segundo capítulo focalizam-se os critérios de desenvolvimento para a sustentabilidade e habitação equitativa, assim como para os serviços urbanos.

A segunda parte do livro consiste na exposição detalhada sobre cinco estudos de casos, descrevendo as experiências ocorridas no Projeto Piloto de Orangi, em Karachi (Paquistão); o Projeto Ambiental e de Desenvolvimento Zabbaleen, no Cairo (Egito); o Projeto Citra Niaga

Land-Sharing, em Samarinda (Indonésia); o projeto de Desenvolvimento de Khuda-ki-basti, em Heiderabadi (Paquistão) e Projeto Aranya Township Site-and-Services, em Indore (Índia). A terceira parte, com dois capítulos, reúne recomendações para que os programas de serviços e de desenvolvimento urbano tenham melhor chance de sucesso, para se transformarem em sustentáveis e exequíveis. Essas recomendações sugerem que os projetos devem ser desenvolvidos por meio do consenso mais do que pela confrontação, pelo encorajamento e promoção do envolvimento do setor privado e que as condições sejam claramente compreendidas e institucionalizadas. Essas condições riem possibilidades para que as organizações não governamentais, ou outras organizações mediadoras, atuem uma função importante na delegação de poderes e na gestão das comunidades. A obra também apresenta a consideração de que a contabilidade comunitária e as tomadas-de-decisão devem ser aumentadas, promovendo-se a gestão local e os componentes de programas nos quais as comunidades sejam introduzidas com maiores funções na implementação dos projetos de desenvolvimento e transformações das características e condições urbanas.

**009. *The Urban Challenge in Africa.***

*Carole Rakodi, org.*

*United Nations University Press, Tóquio, 1997, 628 p.*

*ISBN 92-808-0952-0.*

Com o objetivo de analisar os aspectos sociais, econômicos e ambientais dos grandes centros metropolitanos, a Universidade das Nações Unidas desenvolveu em 1991 programa de pesquisa organizando conferência internacional sobre o Crescimento das Mega-cidades e o Futuro, em cooperação com a Divisão de População das Nações Unidas e o Governo Metropolitano de Tóquio. Posteriormente, a Universidade das Nações Unidas iniciou programa mais ambicioso, focalizando o desenvolvimento dos sistemas urbanos na escala regional, considerando os setores da Ásia do Pacífico, América Latina e África. Como resultado dessa série de eventos, foram organizados e publicados os volumes sobre *Mega-city Growth and the Future* (R. J. FUCHS et al., 1994, UNU Press), *Emerging World Cities in Pacific Asia* (Fu-chen LO & Yue-man YEUNG, 1996, UNU Press) e *The Mega-city in Latin America* (Alan GILBERT, 1996, UNU Press). A obra sobre o crescimento e gestão das grandes cidades africanas constitui o último volume da série.

No caso da África tornou-se óbvio que era inadequado adotar uma definição de megacidades baseada simplesmente na grandeza populacional, pois somente Cairo e a região de Pretória-Witwatersrand-Vereeniging, centrada em Johannesburg, possuem população superior a 8 milhões de habitantes. Utilizou-se de critério mais flexível para selecionar as cidades e estruturar o projeto de pesquisa, salientando as principais questões do contexto africano, cujos objetivos foram expressos como sendo: a) analisar a dinâmica da urbanização na África, com referência especial às suas grandes cidades; b) avaliar a performance da gestão de sistemas urbanos, em sua consonância com o rápido crescimento urbano em uma situação de deteiorização, e c) explorar as implicações das tendências observadas em relação ao futuro. Verifica-se a presença de contribuições realizando análises minuciosas sobre as características e desafios da urbanização no território africano, em termos de atualização e de sua vinculação ao contexto temático geral e à dinâmica global.

A primeira parte versa sobre os desafios do crescimento urbano na África em face da globalização, considerando as forças globais, mudanças urbanas e gestão urbana (C. Rakodi) e as relações entre urbanização, globalização e crise econômica (D. Simon). A segunda parte reúne ensaios tratando das mega-cidades africanas, que estudam os desafios do crescimento urbano em Cairo (M. Yousry & T. A. Aboul Atta), a transformação da área metropolitana em Johannesburg (K. S. O. Beavon), o crescimento e o desenvolvimento metropolitano em Lagos (J. O. Abiodun), a mega-cidade de Kinshasa (J. L. Piermay), do manejo urbano na área metropolitana de Abidjan (A. Dubreson) e das funções regional e de capital exercidas por Nairobi (R. A. Obudho).

A dinâmica do desenvolvimento urbano é o tema da terceira parte, analisando as economias urbanas africanas na década de 90, perante o dilema globalização ou informalização (C. M. Rogerson, os mercados das propriedades residenciais nas cidades africanas (C. Rakodi), as funções do Estado e da sociedade civil, versando sobre a política, governo e organização social (T. A. Aina) e sobre as vidas urbanas, adotando novas estratégias e adaptações com os laços rurais (D. Potts). A última parte estuda as questões em face dos desafios e futuro, considerando os rumos para apropriada política de desenvolvimento urbano nas emergentes mega-cidades africanas (S. El-Shakhs) e as experiências recentes ligadas com a gestão urbana (K. H. Wekwete). O capítulo sobre as conclusões encontra-se elaborado por C. Rakodi.

**1010. Fronteiras na América Latina: espaços em transformação.**

*Iára R. Castello, Mirian R. Koch, Naia de Oliveira, Neiva O. Schaffer & Tania M.*

*Strohaecker (org.)*

*Editora da URGs, Porto Alegre, 1997, 292 p.*

*ISBN 85-7025-411-3.*

Essa coletânea representa os *Anais* do Seminário Internacional sobre *As Áreas de Fronteira da América Latina no Novo Patamar da Economia Capitalista*, realizado em maio de 1996, em Porto Alegre. o objetivo geral foi o de identificar as especificidades da organização sócio-espacial nas faixas de fronteira nacionais e as práticas sociais cotidianas vivenciadas entre países vizinhos, bem como as transformações que emergem nessas áreas, decorrentes das políticas de ajuste a um novo patamar da economia capitalista. De modo complementar, também foram enunciadas as metas de congregar pesquisadores, promover o intercâmbio de dados e de informações, discutir os parâmetros teóricos que orientam as análises, e estabelecer linhas prioritárias de estudos com vistas ao planejamento urbano e regional dessas áreas.

Considerando o interesse e o nível de participação dos pesquisadores e técnicos argentinos, brasileiros, chilenos e uruguaios, a Comissão Organizadora assumiu o desafio de reunir e organizar parte dos trabalhos apresentados sob a forma de um livro, que redundou na organização da presente obra. O resultado foi a elaboração de obra coerente, muito bem organizada e de significativa importância para a análise desses territórios de confronto, de união e em transformação.

Os 24 artigos que compõem o livro foram reunidos em quatro partes. A primeira parte é formada por contribuições de abrangência ampla sobre as atuais condições de produção e trabalho na América Latina e pelos trabalhos que dedicam maior atenção às questões teóricas e conceituais sobre as fronteiras. Os nove artigos dessa parte focalizam questões diversas, tais como a globalização, movimentos de capital, mercados de trabalho e concentração territorial expandida; novos elementos na dinâmica territorial advindos da internacionalização do externo no ambiente dos negócios; reflexões sobre o Mercosul, considerando a dinâmica espacial da produção e da população em zonas de fronteiras; a redefinição de fronteiras, territórios e mercados como marcos do capitalismo de blocos; reflexões conceituais sobre as fronteiras; as raízes de um matrimônio infeliz, no tocante ao Mercosul e classe operária; mudanças na formas de produção e suas conseqüências sócio-econômicas para a área fronteira do Nordeste do Uruguai, e considerações em torno dos espaços sem fronteiras às fronteiras dos espaços.

A segunda parte está composta por sete contribuições, cujos textos analisam as cidades e os territórios na perspectiva da fronteira. São trabalhos que discutem aspectos teóricos e analisam estudos de caso, em termos urbanos e no contexto da análise regional. As contribuições focalizam as questões relacionadas com as especificidades das áreas urbanas de fronteira, a globalização e o lugar, tendo como exemplo o caso de Girón (Equador), aspectos extraídos dos planos diretores em função do comportamento de fronteiras no interior do país, as duas faces da



globalização observadas em Colônia e Rio Branco, os lugares fronteiriços como paraíso dos outros, as reservas extrativistas e a contramobilidade, como sendo outra faceta da gestão do urbano em áreas da fronteira amazônica brasileira e a estruturação econômica na América Latina.

A terceira parte reúne cinco trabalhos referentes à circulação de mercadorias sobre o território e sobre impactos decorrentes das novas demandas e seus fluxos. Os seus temas específicos versam sobre o desenvolvimento local e integração regional, considerando os impactos sociais da ponte Colônia - Buenos Aires; a dinâmica do intercâmbio regional no contexto do Mercosul; os transportes e integração espacial no Brasil; as perspectivas das vias de comunicação na integração regional, e sobre a demanda do setor produtivo gaúcho ao longo dos corredores de transporte hidroferroviários. A última parte, com quatro contribuições, engloba relatos de projetos e estratégias nas áreas de fronteira, considerando os casos do desenvolvimento da região sul do Estado do Rio Grande do Sul, o estudo das tarifas de transporte de mercadorias da zona do Centro Oeste sul-americano aos mercados internacionais, a concessão binacional da ponte internacional entre São Borja e Santo Tomé e as potencialidades turísticas da área de fronteira internacional do Rio Grande do Sul.

### **011. Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI.**

**Georges Benko**

**Hucitec, São Paulo, 1995, 266 p.**

**ISBN 85-271-0348-6.**

Estruturada em dez capítulos, esta obra procura analisar os elementos essenciais que nos últimos dez anos vêm alimentando as discussões em torno das mutações econômicas e, mais particularmente, da industrialização contemporânea. Georges Benko salienta que a crise econômica, a reestruturação da indústria, o surto das atividades de serviços e sobretudo a expansão espetacular da produção de alta tecnologia modificaram profundamente a organização territorial do capitalismo contemporâneo. Numerosas regiões industriais oriundas da primeira revolução industrial e da produção fordista em massa são arrastadas a uma profunda crise econômica e social. Por outro lado, surgiram novas áreas industriais, baseadas nas atividades de ponta. As regiões e as cidades conheceram mudanças estruturais nos países desenvolvidos. G. Benko também assevera que a dinâmica dos novos espaços econômicos fundou-se em três elementos principais: a indústria de alta tecnologia (criando novos ramos e novos produtos), os serviços aos produtores (em crescimento considerável, localizados principalmente nas áreas metropolitanas) e as atividades artesanais, assim como os PME (tendo como exemplo a renovação espetacular dos distritos industriais marshallianos e na Terceira Itália).

A primeira parte é exposição que resume o contexto macroeconômico e social contemporâneo, evocando a passagem de um regime de acumulação (fordista) para outro (pós-fordista e flexível), considerando as abordagens teórica e histórica. Salienta que o aparecimento de um novo conjunto de produção coincide com o deslocamento espacial das atividades, e a nova configuração da estruturação espacial da economia encontra-se estreitamente vinculada aos conceitos da teoria de localização industrial, que Georges Benko define como sendo *pós-weberiana*. Denominada de economias e territórios em mutação, os quatro capítulos dessa primeira parte tratam da leitura sócioeconômica do fim do século, da especificidade regional ou inter-regionalismo, considerando a interrelação entre o local e o global, da globalização e organização econômica do território e da teoria da regulação e território.

A segunda parte trata do sistema produtivo contemporâneo, mostrando que a noção de modelo produtivo é definida como complementariedade e coerência entre princípios de gestão, organização interna da firma e relação salarial. Georges Benko salienta que a história mostra que diversas configurações do sistema produtivo se sucederam desde a primeira revolução industrial.

Considerando que o novo paradigma nascente não define um único sistema produtivo ótimo, e que as trajetórias nacionais são divergentes, a análise de G. Benko inscreve-se numa reflexão sobre a lógica do sistema, em sua totalidade, e não se restringe à lógica da decisão racional de um único ator no sistema. Os quatro capítulos inseridos nessa segunda parte focalizam a emergência de um novo sistema produtivo, a lógica de localização das indústrias de alta tecnologia e suas relações com o desenvolvimento regional, os novos espaços industriais e tecnopolos e sobre a industrialização e empresa.

A terceira parte focaliza as fisionomias da França, e os capítulos versam sobre o desenvolvimento histórico e os aspectos atuais da dinâmica espacial e as características da Cidade Científica de Île-de-France-Sud, em Paris.

#### **012. Trajetórias geográficas.**

**Roberto Lobato Corrêa**

*Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1997, 302 p.*

*ISBN 85-286-0590-6.*

Roberto Lobato Corrêa trabalhou ativamente no Departamento de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e História, de 1959 a 1993, e no Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona desde 1971. Dedicado à pesquisa e ao ensino, a sua vida profissional é marcada por constantes e significativas contribuições a respeito de temáticas envolvidas no campo da Geografia Humana. As questões relacionadas com as redes urbanas, áreas urbanizadas e organizações regionais foram as temáticas mais relevantes em sua profícua produção à literatura geográfica.

O volume *Trajetórias geográficas* reúne catorze contribuições, englobando doze trabalhos já publicados em coletâneas e diversos periódicos, mormente na *Revista Brasileira de Geografia*, e dois trabalhos originais. Ao transcrever esses trabalhos, conservando a redação e a composição originais, Roberto Lobato Corrêa procura oferecer um quadro coerente da sua produção analítica, possibilitando a acessibilidade dos textos aos geógrafos, profissionais e estudantes, e aos demais pesquisadores interessados nessas temáticas. Se para os geógrafos a trajetória geográfica é significativa, para os pesquisadores de outras disciplinas o título não revela, de imediato, a temática nem o mérito do seu conteúdo.

A temática das *redes geográficas* compõe a primeira parte, cujos capítulos versam sobre a teoria das localidades centrais (1982), as redes de localidades centrais nos países subdesenvolvidos (1988), origem e tendências da rede urbana brasileira (inédito) e dimensões de análise das redes geográficas (1993; 1995). A temática sobre o *espaço urbano* representa a segunda parte, sendo também composta por quatro capítulos, que versam a respeito dos processos espaciais e a cidade (1979), notas teórico-metodológicas sobre o espaço urbano (1991), o meio ambiente e a metrópole (1992) e o espaço metropolitano e sua dinâmica (1994).

A terceira parte envolve-se com a temática da *região*, cujos dois capítulos analisam a região: tradição geográfica (inédito) e a organização regional do espaço brasileiro (1989). Apenas um capítulo encontra-se inserido na quarta parte, denominada espaço e empresa, focalizando a corporação e espaço (1991). A quinta e última parte engloba os trabalhos sobre espaço, tempo e cultura, sendo que os três ensaios versam sobre o Sudoeste Paranaense antes da colonização (1970), Carl Sauer e a Geografia Cultural (1989) e a respeito da dimensão cultural do espaço (1995).

**013. Brasil: Questões atuais da reorganização do território.**

**Iná Elias de Castro, Paulo César da Costa Gomes &  
Roberto Lobato Corrêa (org.)**

**Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1996, 468 p.  
ISBN 85-286-0588-4.**

Deve-se consignar reconhecimento pelo valor e parabenizar o grupo de geógrafos vinculados ao Departamento de Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que estabeleceu o desenvolvimento de projeto editorial que ambiciona renovar o conteúdo temático da Geografia brasileira, visando oferecer “uma bibliografia nacional atualizada, de qualidade, de fácil acesso e entendimento, sem contudo comprometer a complexidade que o tratamento dos temas exige”. O projeto também se alicerça na necessidade “de comunicar novas perspectivas que vêm se afirmando no pensamento geográfico e que têm como objetivo fundamental o espaço brasileiro”. A coletânea de ensaios que ora se apresenta constitui-se num dos produtos vinculados a esse amplo projeto editorial, e os artigos que compõem a obra investigam as dinâmicas que, direta ou indiretamente, atuam sobre a organização do espaço no Brasil.

Os organizadores salientam que a organização dos temas baseou-se nos recortes já tradicionais das análises geográficas, considerando os enfoques nas escalas global, nacional, regional e local, justificada por “definir basicamente a operacionalidade do tratamento geográfico dos fenômenos”, mas desculpa-se pelo fato de que a forma de organização não procura “obedecer a critérios de preservação de uma tradição”. Na realidade, o inverso é justamente o mais correto no pensamento geográfico. A hierarquização aninhada das escalas espaciais constitui um vetor básico da análise geográfica, translúcida em sua longa trajetória histórica, que sempre se mostrou pertinente como critério de operacionalidade.

Um dos desafios emergentes para a Geografia hodierna é estabelecer a estrutura, processos e dinâmicas das organizações espaciais nessas diversas escalas, como entidades de *sistemas geográficos* que se interrelacionam na mesma escala de grandeza e absorvem, como totalidades, os componentes subjacentes, e se embutem nas entidades de complexidade maior. O território brasileiro, como exemplo, necessita ser re-analisado sob essa perspectiva, recompondo as informações para se distinguir as unidades de organizações locais, as de ordem regional e as de ordem nacional, assim como para se analisar a integração nas organizações de ordem internacional e global. Se a análise for direcionada para se conhecer e avaliar os sistemas geográficos (organizações espaciais) das atividades humanas, cinge-se ao campo da *Geografia Humana*; se for direcionada para se conhecer e avaliar os sistemas geográficos compostos pelos elementos físicos e biogeográficos, cinge-se ao campo da *Geografia Física*; se for direcionada para conhecer e avaliar as entidades das organizações espaciais em sua maior complexidade, na inteireza unitária de espacialmente expressar a combinação das atividades humanas em conexão com o meio ambiente (geossistema), então deve-se referir ao campo de ação da *Geografia*. Percebe-se, dessa maneira, que as contribuições inseridas no presente volume encontram-se referenciadas às temáticas envolvidas no setor da Geografia Humana. Obviamente, elas são plenamente merecedoras da adjetivação *geográficas*, mas não se deve omitir o contexto setorial hierárquico ao qual pertencem.

Na primeira parte, destinada à escala global, encontra-se o ensaio sobre a possível simbiose entre o comércio ilícito de drogas e a geografia da integração financeira (L. O. Machado). Temática similar é retomada na quarta parte, destinado à escala local, cujo único ensaio analisa a dinâmica sócio-espacial nas cidades brasileiras sob a influência do tráfico de tóxicos (M. L. de Souza).

A segunda parte destina-se à escala nacional, e os ensaios focalizam questões relacionadas com as metrópoles, corporação e espaço, considerando o caso brasileiro (R. L. Corrêa), as redes eletrônicas e novas dinâmicas do território brasileiro (L. C. Dias), sobre a cidade no Brasil

do passado (M. de A. Abreu) e a respeito da crise e dinâmica das estruturas produtivas regionais no Brasil (C. G. Egler). No tocante à escala regional, as contribuições versam sobre o vetor tecnológico na redefinição da Amazônia (B. K. Becker), a ação da Companhia Vale do Rio Doce na estruturação do espaço geográfico na área de Carajás (M. C. N. Coelho), as questões dos novos interesses, territórios e discursos no tocante às secas do Nordeste (I. E. de Castro), sobre as estratégias do capital no complexo da soja (J. A. Bernardes) e a respeito da presente dos “gaúchos” e “baianos” no “novo” Nordeste, como exemplo do processo entre a globalização econômica e a reinvenção das identidades territoriais (R. Haesbaert).

**014. *A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável.***

**Bertha K. Becker & Mariana Miranda (org.)**

**Editora da UFRJ, Rio de Janeiro, 1997, 494 p.**

**ISBN 85-7108-180-8.**

É com satisfação que se registra o lançamento da obra *A Geografia Política do Desenvolvimento Sustentável*, organizada por Bertha K. Becker e Mariana Miranda. O objetivo consiste em “ampliar o debate interdisciplinar e internacional sobre o desenvolvimento sustentável, as políticas e mudanças a ele associadas e, através da análise de questões relevantes, obter elementos para uma avaliação das suas propostas e sua relação com políticas nacionais”.

A temática do desenvolvimento sustentável insere-se no mesmo contexto da globalização que, como processo de cascata, permeia desde a escala global até a local e se imbrica, de modo hierárquico, na operacionalização dos programas e projetos nas diversas escalas de grandezas espaciais. Por essa razão, ao assumir que “o desenvolvimento sustentável é, ao mesmo tempo, expressão e instrumento da reestruturação global, transcendendo a questão da nova relação sociedade-meio ambiente que emerge mediada por novos recursos tecnológicos”, implicitamente realça o papel potencial a ser demandado para o conhecimento geográfico.

Para a elaboração e implantação de programas e projetos de desenvolvimento sustentável, há que se considerar a imbricação hierárquica das organizações espaciais. Pois são as organizações espaciais atuais que se encontram questionadas, estabilizadas ou em processo de transformação, em face da emergência de novos recursos tecnológicos e das demandas sócio-econômicas perante o manejo e gestão do meio ambiente. Há que se pensar na reformulação dessas organizações espaciais, em sua ampla complexidade, no tocante à sua estruturação no território, dos processos de fluxos e da sua dinâmica. Tudo isso envolve a aplicabilidade do conhecimento geográfico. São desafios emergentes, que requerem análise da complexidade, das escalantes espaciais e da modelagem de cenários (organizações). Em face dessa amplitude, a focalização sobre a Geografia Política do desenvolvimento sustentável surge apenas como uma faceta, sem dúvida altamente relevante, mas ainda restrita. A nossa perspectiva é muito mais abrangente e facilmente absorve as considerações e as propostas inseridas nos diversos ensaios dessa coletânea.

As organizadoras explicitam que a contribuição de Roberto Pereira Guimarães, inserida na Introdução, define o tom do volume, no dilema entre ser proposta alternativa ou retórica neoliberal. Situando a questão na complexidade das transformações que caracterizam o cenário internacional, o autor demonstra que as propostas de desenvolvimento sustentável questionam um estilo de desenvolvimento internacionalizado, causador de profundas desigualdades sociais e nocivo ao meio ambiente. Bertha Becker e Mariana Miranda salientam também que “essas propostas são legítimas, mas têm sido acrílicas em relação às dinâmicas sóciopolíticas concretas. Para que não se esgotem ao nível da retórica, impõe-se examinar as contradições ideológicas, sociais e institucionais do discurso da sustentabilidade, bem como analisar suas distinções para transformá-las em critérios objetivos de políticas públicas”. E deve-se acrescentar em sua

implementação local, inserida nos projetos regionais e nos contextos das políticas nacionais e internacionais.

A primeira parte versa sobre a politização da natureza e o imperativo tecnológico. Os seis ensaios reunidos nesta parte tratam das raízes geoistóricas do desafio da sustentabilidade e uma alternativa política pós-moderna (P. J. Taylor), da politização da natureza e o imperativo tecnológico (T. dos Santos), das novas forças sociopolíticas transnacionais ligadas com a globalização, democracia e sustentabilidade (E. Viola), das estratégias territoriais das organizações governamentais internacionais (A. B. Murphy), do desenvolvimento sustentável nos territórios da globalização (C. A. de Mattos) e do processo de globalização, considerando se o roteiro é para o desenvolvimento de um mundo só (H. Rattner).

Cinco contribuições encontram-se na segunda parte, que trata da geopolítica das redes globais. As temáticas analisadas versam sobre o papel das redes de informação na geopolítica da inclusão/exclusão (P. Claval), pesquisa e desenvolvimento e a logística da inovação tecnológica (L. C. Dias), as relações entre rede/global e rede local ou “como a geografia pode servir, também, para defender uma auto-estrada (H. Théry), a partilha do território e a desigualdade frente ao desenvolvimento (B. Bret) e abordagem comparativa das redes de narcotráfico nigerianas e colombianas (A. Labrousse).

A terceira parte focaliza as questões relacionadas com as comunidades locais, a incerteza dos caminhos para o desenvolvimento e os conflitos no governo do território, enquanto a quarta parte direciona-se para a análise das práticas e perspectivas do desenvolvimento sustentável. As seis contribuições inseridas na terceira parte versam sobre as comunidades locais e dinâmicas microregionais na busca do desenvolvimento sustentável (J. P. Leroy), o papel das organizações não-governamentais na resolução de conflitos para o desenvolvimento sustentável (A. Hall), a presença de novos atores sociais, desenvolvimento sustentável e organizações não-governamentais (P. Lená), as ambigüidades da divisão territorial (J. E. Sanchez), democracia participativa, território e doutrina da descentralização (M. Escolar) e sobre o desenvolvimento sustentável e doutrina da descentralização (H. van der Wusten). Por outro lado, os quatro ensaios da última parte referem-se aos novos rumos da política regional, considerando o desenvolvimento sustentável da fronteira amazônica (B. K. Becker), as possibilidades do planejamento ambiental no Brasil (W. Messias da Costa), a geopolítica e o desafio do desenvolvimento sustentável (P. Claval) e as novas redes e novos códigos no desenvolvimento sustentável (A. C. T. Ribeiro).

#### **015. *The Global Economy in Transition.***

***P. W. Daniels & W. F. Lever (org.)***

***Addison Wesley Longman, Harlow, 1996, 416 p.***

***ISBN 0-582-25328-4.***

Tornou-se aspecto marcante na década de noventa o predomínio das transações financeiras em comparação com o comércio internacional de mercadorias. Calcula-se que para cada dólar comercializado internacionalmente em mercadorias, sete ou oito dólares são transacionados no mercado financeiro. Se o movimento de mercadorias requer o uso de meios de transporte, e as localizações e distâncias são ainda importantes nas atividades econômicas, em função dos custos operacionais e de fretes, os movimentos das informações e das transações financeiras não são afetadas pelas distâncias, utilizando-se das redes de conexão dos satélites e da informatizada. Se surgem argumentos considerando que a globalização da economia mundial e a crescente importância dos serviços financeiros podem ocasionar uma relativa perda na importância da distância ou do espaço, deve-se lembrar que a localização ganha ainda maior relevância. Para as agências financeiras as distâncias entre Londres, Nova Iorque e Tóquio podem não ser relevantes, mas

tornam-se fundamentais as características dessas cidades, as culturas e o contexto social para a escolha das localizações das atividades, assim como a disponibilidade e acesso às infra-estruturas.

O volume encontra-se estruturado em quatro partes que, sucessivamente, focalizam as teorias da globalização, os processos envolvidos, os procedimentos pelos quais a economia mundial e as economias regionais têm reagido ao processo de globalização e a respeito das conseqüências espaciais desses processos. Na primeira parte N. Thrift analisa a internacionalização crescente da produção e consumo, tanto no caso dos bens materiais como na importância do setor de serviços, enquanto B. P. Holly trata das teorias de mudanças no sistema de produção, que são partes essenciais da globalização. Essas considerações teóricas são ampliadas por W. J. Coffey, que versa sobre a mais nova divisão internacional do trabalho, emergente desde a década de setenta, com a participação mais ativa dos países recentemente industrializados. Em complementação, A. Leyshon estuda a função do espaço nos fluxos financeiros.

Quatro contribuições surgem tratando dos processos da globalização dos sistemas de produção, focalizando a importância da tecnologia de informação nos sistemas de produção (D. R. Charles), o desenvolvimento das empresas multinacionais (J. Clegg), a estrutura e os fluxos financeiros globais como um projeto geográfico (E. Swyngedouw) e os desafios e rumos para a execução de pesquisas e desenvolvimento (R. Hayter). A análise das reações e respostas compõe a terceira parte, cujos temas versam a respeito do papel de liderança das economias desenvolvidas (P. Daniels), da função e dependência das economias menos desenvolvidas (D. Drakakis-Smith), do comércio internacional nos países em desenvolvimento (R. N. Gwynne) e sobre as perspectivas para as economias dos países pós-socialistas (M. J. Bradshaw).

Na última parte, ao tratar das conseqüências espaciais do processo de globalização, os ensaios tecem considerações sobre a ampliação dos mercados, considerando o caso do mercado da unidade européia (W. Lever), a re-invenção do contexto regional, estudando a ação das empresas, grupos e redes nas economias em desenvolvimento (P. Cooke), a competição internacional entre os prestadores de serviços (M. Howland) e o domínio do mercado financeiro internacional por Londres, Nova Iorque e Tóquio (M. P. Drennan). Como conclusão, no último, capítulo, P. Daniels e W. Lever expõem considerações compondo o panorama geral e a síntese dos ensaios inseridos no volume.

**016. *Humanity and Environment: A Cultural Ecology.***

***I. G. Simmons***

***Addison Wesley Longman, Harlow, 1997, 328 p.***

***ISBN 0-582-22547-7.***

Considerando que os estudos ambientais encontram-se na atualidade vinculados às diversas perspectivas disciplinares, redundando na oferta de fragmentos da problemática ambiental e da abordagem metodológica para os estudantes, I. G. Simmons procurou organizar livro didático que, utilizando de abordagem holística para o estudo das relações entre o homem e o ambiente, surgisse como obra integrada e coerente sobre essa questão "multidisciplinar". A idéia implícita é que a Geografia funciona como sendo uma *disciplina integradora*. Em seu procedimento analisa os processos e os problemas envolvidos e realiza avaliação das diferentes atitudes e resoluções que foram propostas. Os objetivos são, portanto, o de oferecer uma nova abordagem e apreciação sobre a natureza do meio ambiente e problemas ambientais e o de despertar o engajamento dos estudantes para com a totalidade do meio ambiente como sendo uma questão humana.

A obra de I. G. Simmons, Professor no Departamento de Geografia da Universidade de Durham, representa contribuição no contexto da ecologia cultural, considerando as condições ambientais relevantes para a vivência dos seres humanos e para as atividades sócio-econômicas.

As definições são fundamentais, de modo que Simmons define o *meio ambiente* como aquilo que “inclui todos os aspectos e processos do planeta Terra que são exteriores à espécie humana. Isso inclui tanto os outros seres vivos como a matéria inorgânica”. Semelhantemente, utiliza o termo *natureza* para designar “todos os aspectos e processos exteriores à espécie humana que também são exteriores à ação humana. A natureza constitui o que precede a ação humana; ‘um meio ambiente natural’ é aquele que não foi alterado pela ação humana”. De modo combinatório, a *paisagem* “é a expressão visual defronte a nós da natureza e meio ambiente”. Complementarmente, a *cultura* refere-se “ao conjunto das idéias, crenças, valores, conhecimento e habilidades técnicas que são as bases compartilhadas da ação dos indivíduos ou da comunidade”. Como livro didático surge bem estruturado, organizado de modo coerente, mostrando clareza e precisão no texto e incluindo gráficos, tabelas, ilustrações e caixas chamativas. Sugestões para leituras complementares e bibliografia básica encerram cada um dos capítulos.

O primeiro capítulo procura caracterizar as sociedades humanas, os problemas ambientais e os aspectos armazenadores da natureza, considerando aspectos desde a escala local até a global, e em seguida versa sobre as informações e conhecimentos fornecidos pelas ciências naturais. Amplo capítulo trata do uso humano da superfície terrestre, analisando a exploração dos recursos e as atividades sócio-econômicas, para então direcionar atenção para as características de “um mundo humanizado”.

Os três último capítulos compõem uma segunda parte, estudando inicialmente as construções culturais e o *mundo real* e suas alternativas, tratando da legislação ambiental, estruturas administrativas e imaginação. O último capítulo intitulado *No foul casme*, adverte sobre a necessidade do jogo do conhecimento ser realizado sem trapaças prejudiciais, salientando a superação das lacunas, a inserção da tecnologia no contexto social e tecendo considerações sobre a teoria social e meio ambiente. Por último, o delineamento de uma tentativa de integração.

**ANTONIO CRISTOFOLETTI**

(Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Campus de Rio Claro)